

São Paulo, 04 de julho de 1990.

Ailton

Já o conheço há alguns anos, através dos diversos pronunciamentos dados por você, principalmente pela televisão, e desde então, passei a valorizar o difícil trabalho da UNI e a admirar a combatividade dessa Entidade, exprimida pela sua pessoa.

Mas a sua entrevista levada ao ar na 6ª feira passada (29/6/90) na TV Gazeta, no programa Opinião, foi a que mais me impressionou. Ouvir alguém falar sobre um tema tão problemático com tanta propriedade e inteligência é bom demais. Valeu muito brigar contra o meu sono e cansaço daquele dia e parar prá te ouvir. Aí não resisti e resolvi lhe escrever.

Aprendi mais com você. Foi prazeroso e tenha a certeza que dentro de mim provocou desdobramentos que não terão volta, pois você falou de "vida".

A sua clareza de idéias, sua contundência, sua consciência absolutamente equilibrada do problema do índio, não só no Brasil, mas no mundo, transmitidos por meio de sua fala impregnada de total seriedade, calma, objetividade e respeito, me cativaram ainda mais.

Acho perfeita a forma como você questiona e coloca o problema: ultrapassar as fronteiras da questão específica do índio no Brasil e nos remeter à dimensão mais ampla do tema. Trata-se da salvação do planeta, portanto de cada um de nós.

Ter consciência efetiva disso é essencial e me parece que a maior parte das pessoas não se dá conta disso, principalmente aquelas que se concentram nos grandes centros urbanos.

Quando irão acordar? Só quando perceberem que estão dando "água morta" de beber às crianças?

Recai naquilo que um amigo meu fala, metaforizando: "o som emitido pelo morcego quando voa é tão alto que ninguém ouve".

Acho que nesta entrevista você teve oportunidade de mostrar o lado emocional da sua luta e certamente por isso me tocou tanto.

Esperando que você chegue a ler esta carta, desejo-lhe o melhor e coloco-me à disposição para colaborar no que estiver ao meu alcance.

